

## **MESTIÇAGEM E HIBRIDISMO, GLOBALIZAÇÃO E COMUNITARISMO**

Benjamin Abdala Junior  
(USP)

1. O espectador brasileiro se depara, com frequência, nas mídias unidirecionais (cinema e televisão), com atores negros, latinos e asiáticos representando papéis sociais inimagináveis na indústria cultural norte-americana de trinta anos atrás. Esse fato não é dominante, mas indica uma tendência, que rompe assim com estereótipos culturais construídos por essa indústria, onde o Bem tinha, de preferência, caracterização anglo-saxônica, com atores que desempenhavam os papéis relevantes no desenvolvimento da trama, fosse ela de ênfase histórica, política, social, ética, etc. No reino do Mal figuravam os outros, ou os bastardos que se mesclavam com eles.

O tendência que se afirma agora vai na direção oposta, contraditada às vezes – é verdade – por inevitáveis refluxos, em face das pressões das forças ligadas à ordem antiga. É o que conjunturalmente se registra com o governo de George Bush, por exemplo, que segue estratégias imperiais à antiga, circunscrevendo-se ao mito de um caráter essencialmente nacional, relevando o poder de coerção do território hegemônico. Reconfigura-se nesse viés político a maneira de se pensar a realidade que se afirmou historicamente no Ocidente, e que estabelecia fronteiras rígidas: fronteiras não apenas políticas, ligadas aos estados nacionais, mas também analogamente fronteiras mais amplas, que se configuram nos múltiplos campos da práxis social, que se reduziam dicotomicamente, espartilhando a diversidade, em dualismos estanques, como espírito e matéria, o Bem e o Mal. Tais fronteiras rígidas permitiram, noutra direção, sistematizar o conhecimento em disciplinas delimitadas, circunscritas à experiência. Se foi assim, baseado na técnica, que esse mesmo Ocidente foi capaz de se afastar de uma espiritualidade labiríntica,

desenvolvendo formas de conhecimento empírico através da experimentação, hoje essa mesma inclinação leva a romper com essas concepções fixas, suprimindo limitações disciplinares, que se colocam a contrapelo de um mundo cada vez mais pautado pela interconexão e pela interatividade.

Nas mídias interativas, como nas redes informacionais através da *net*, essa ruptura é muito mais acentuada, produzindo mesclagens em níveis nunca vistos, por basear-se justamente nessa interconectividade. Se antes Hollywood construía modelos ideológicos de se estar no mundo e inculcava padrões de consumo através deles, hoje ela divide seu poder com o Vale do Silício, com a *Internet*, com uma diferença: a nova mídia permite o questionamento da unidirecionalidade das inculcações dos donos do poder e também das assimetrias advindas dos fluxos hegemônicos desse próprio meio de comunicação. Pode-se afirmar, por analogia, que a indústria cultural reproduz, assim, mudanças que vêm ocorrendo no próprio capitalismo, que se afasta do modelo centralizador e unidirecional de produção, para a produção flexível, articulada em rede. Dessa maneira, a discussão da mestiçagem (mesclagem entre culturas diferentes) e hibridismo cultural leva a associar essas noções ao capitalismo informacional, tal como ele aparece no quadro geral do atual processo de mundialização da economia.

Não se pode esquecer, no entanto, que Hollywood se desenvolveu atrelada a interesses políticos de estado e que o Vale do Silício teve origem em objetivos militares norte-americanos. Situam-se essas conformações das produções unidirecionais (Hollywood) e a nova mídia pluridimensional num mesmo território (geográfico, político e de poder simbólico), estabelecendo uma concentração que poderia contrariar a própria razão de ser de uma sociedade em rede, em cuja dinâmica seriam rompidas noções de espaço e tempo. Os efeitos coercitivos desse centro de sinergia informacional – ou um *nó*, se nos valermos dos modelos comunicativos

em rede – são próprios das características do novo império. Os meios digitais, na verdade , constituem um grande salto qualitativo de um processo anterior que vem do século XIX, quando se procurava substituir os processos repetitivos de produção pela automação.

2. Deve ser destacado o fato de que a ênfase com que se discute a mestiçagem e o hibridismo cultural parece-nos vir da necessidade de se dar conta do grande processo de deslocamentos e de justaposições, que rompem com as concepções fixas, sedentárias. Mais, os meios digitais tornam problemático o desenvolvimento de estratégias unidirecionais e centralizadoras. Se na mídia televisiva, há uma figura centralizadora, um “âncora”, na interativa a própria figura do mediador individualizado acaba por ser descartada. Numa perspectiva social mais ampla, é de se perguntar se esse fato (a ausência de modelos mais estáveis) não favorece a emergência de configurações carismáticas, como um seu corolário recessivo. A desregulamentação das redes digitais segue a lógica do capital: da mesma forma que o usuário desse meio (isto é, o navegador) interage isoladamente com a máquina ou com muitos outros usuários, à sua vontade, em interações anônimas, distantes e virtuais, assim também o capital financeiro circula de forma equivalente, substituindo distâncias por velocidades. A desregulamentação, evidentemente, não implica perda de controle, como se percebe nas filtragens operadas no campo das comunicações por quem tem poder de estado.

3. Tudo, no império do capital, pode ser transformado em mercadoria e o relevo à natureza heterogênea dos bens materiais e simbólicos favorece a criação de novas expectativas, habilitando novos padrões de consumo. A presumível estandardização solicitada pela produção em larga escala, não inibe conformações mais flexíveis, para melhor se adaptar a padrões

específicos, de acordo com solicitações locais ou regionais. Tornam-se cada vez mais comuns direcionamentos de produtos para consumidores variados, mais amplos ou mais restritos, combinando em graus diferenciados a natural obsessão capitalista para a padronização dos produtos culturais dirigidos à grande massa e as possibilidades de atendimento de expectativas de consumo mais diferenciadas. À tendência dominante que é a padronização, soma-se o movimento que leva a uma certa uniformização da diferença, quer se considere a situação interna do país produtor do bem simbólico, quer suas decorrentes redes externas, com as quais se articulam.

4. As articulações comunitárias culturais são múltiplas e não devem se reduzir à xenofobia da exclusão do outro, que não possua a mesma identidade. Para Serge Gruzinski,

“Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos. ‘Um homem distinto é um homem misturado’, dizia Montaigne. A identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou de recusa das normas inculcadas. Socialmente, o indivíduo não para de enfrentar uma plêiade de interlocutores, eles mesmos dotados de identidades plurais. Configuração de geometria variável ou de eclipse, a identidade define-se sempre, pois, a partir de relações e interações múltiplas. Foi o contexto da Conquista e da colonização da América que incitou os invasores europeus a identificarem seus adversários como índios e, assim, a englobá-los nessa apelação unificadora e redutora.<sup>1</sup>”

Essas observações valem, evidentemente, tanto para identidades individuais como de grupos. Individualmente, a mesma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, mulher, negra,

---

<sup>1</sup> *O pensamento mestiço*, p. 53.

trabalhadora, latina, etc. e ainda prestar solidariedade a outras categorias. Será seu contexto situacional que definirá a dominância entre esses caracteres que se cruzam. E, a partir desses valores comunitários, será possível estabelecer projetos de instituições sociais que coloquem a tecnologia sob o controle das necessidades e desejos das pessoas e não apenas como veículo de uma automação que implique competitividade e exclusão.

5. Em razão do caráter geopolítico que envolve a globalização neoliberal, que vincula poder de estado aos das corporações supranacionais, parece-nos que noções como centro e periferia continuam a ser ainda imprescindíveis ao pensamento crítico. Os *nós* resultantes dos fluxos planetários formam um campo de forças que ocupa um determinado espaço físico, geográfico, para além do virtual. Um *lócus* determinado e não apenas virtual, onde se situam as formas de poder, com sujeitos que podem ser anônimos mas são concretos e têm práxis sociais determinadas. A esses grupos evidentemente se opõem formas alternativas de poder simbólico, situadas fora e dentro de territórios determinados, inclusive hegemônicos. A consideração dessa desterritorialização relativa é necessária, mas evidentemente esses *nós* situam-se em áreas geográficas determinadas, formando aí um sentido contextual que determina a direção vetorial dos fluxos.

6. Após enfatizar a base sinérgica numa configuração territorial, não podemos deixar de destacar, no contra-fluxo das idéias conjunturalmente dominantes, o papel social do estado. Diante das multiplicidades de fronteiras (imperiais, de expansão; ou cooperativas, justapostas), parece-nos que se torna necessário reconstruir a vida em sociedade, associada a um estado que promova o bem social, deixando-o capaz de desempenhar convenientemente novos papéis. O *locus*, para o pensamento crítico, é a sociedade e suas comunidades. É aí que se radica a

identidade coletiva - uma nova visão compartilhada, que tende a ser supranacional. Entretanto, os indivíduos continuam a projetar suas expectativas nos horizontes nacionais e os estados continuam a ser instâncias de intermediação do indivíduo com o mundo. Um estado legítimo não pode perder suas bases propiciadoras do bem-estar social e de inserção ativa, sem xenofobias passadiças, numa política de cooperação mais ampla. As novas fronteiras – esta é a perspectiva que aqui se releva - não devem ser de separação, mas de contato, de compartilhamento – um sentimento de parentesco que não se esgote nas fronteiras do estado, mas que também não as desconsidere.

7. Os EUA têm hoje a hegemonia. Para além das armas, o estado norte-americano tem liderança reconhecida. As imagens de prestígio construídas pela mídia, apresentam seus grupos dominantes como defensores do interesse geral de outras nações. Há toda uma base sinérgica assim direcionada, que produz fluxos comerciais nos mais variados domínios – dos produtos industriais àqueles mais sofisticados que respaldam as convicções ideológicas hegemônicas. É dessa base no estado nacional que vem o fluxo comunicacional que caracteriza sua indústria cultural. A fábrica de mitos que todos conhecemos (Hollywood), já atua há muito tempo, impondo perfis que interessam a sua política de estado. É Fredric Jameson quem afirma:

“Os Estados Unidos fizeram um enorme esforço, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, para assegurar a dominação de seus filmes em mercados estrangeiros – isso foi conseguido, por via política, através da inclusão de cláusulas específicas em tratados e pacotes de ajuda econômica. Na maioria dos países europeus – e a França se destaca por sua resistência a essa forma particular de imperialismo cultural – as indústrias cinematográficas nacionais foram forçadas a se colocar na defensiva por tais contratos obrigatórios. As tentativas sistemáticas dos Estados Unidos de derrotar as ‘políticas protecionistas’ são apenas parte de uma estratégia mais

geral e cada vez mais globalizante das corporações, hoje localizadas na OMC e em seus esforços – tais como o projeto abortado do AMI – de sobrepujar as leis locais de *copyright* de propriedade intelectual, patentes (de, por exemplo, materiais das florestas nativas ou das invenções locais), ou com estratégias para abalar a auto-suficiência nacional em alimentos.<sup>2</sup>”

8. A pasteurização da diferença, tal como ocorre nas perspectivas de hibridização afins da globalização neoliberal, tem o correlato brasileiro em noções que vêm do século XIX, como mestiçagem sincrética, cordialidade e democracia racial. Quem enfatizou teoricamente a existência da cordialidade foi Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*<sup>3</sup>. Nas origens, a cordialidade viria da vida rural e patriarcal, da família patriarcal para a esfera pública do estado. Para Sérgio Buarque essa maneira de ser originária do patrimonialismo rural seria a contribuição brasileira para a civilização. A expressão “homem cordial”, contextualizando para os países de língua portuguesa, foi cunhada pelo poeta brasileiro Ribeiro Couto, que foi adido cultural da embaixada brasileira em Lisboa – poeta de presença marcante não apenas entre os portugueses, mas também nos países africanos colonizados por Portugal. Foi através dele que os africanos e portugueses descobriram os poetas modernistas brasileiros e também nossa prosa de ficção (Érico Veríssimo e os escritores nordestinos). Cordialidade, aqui, não é polidez, entendida como uma espécie de máscara para se exercer supremacia sobre o social. Não se trata de disfarce, mas da inclinação de o indivíduo liberar-se de sua individualidade, para uma sociabilidade de laços comunitários, que seriam uma espécie de extensão dos laços da família patriarcal. Logo, relações de amor entre os atores da casa-grande com a senzala, com o amor procurando rimar com servidão – o que é uma impossibilidade.

---

<sup>2</sup> “Globalização e estratégia política”. In: JAMESON, F. Org.: Maria Elisa Cevalco. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis, Vozes, 2001. p. 25.

<sup>3</sup> 25ª. ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1993.

9. Em relação à mestiçagem sincrética, pode-se afirmar que é uma formulação mítica, pois os traços culturais que aí coexistem não são cordiais. É verdade que, na mescla de culturas, podem ser estabelecidos entre elas traços comuns de aproximação, mas estes convivem com conflitos. Há um núcleo entre os pedaços de cultura que compõem o tecido híbrido que não se reduz a uma síntese temperada pela cordialidade. Um bom exemplo da mitologização da cordialidade brasileira é Jorge Amado, que, como Gilberto Freyre, exalta ideologicamente as aproximações, neutraliza as diferenças e os conflitos. O mito da baianidade, que Jorge Amado ajudou a modelar, enquanto construía o conjunto de sua obra de ficção, fez-se na perspectiva do discurso oficial hegemônico. Imagens literárias, pois, capazes de legitimar, como evidência que não pediria demonstração mais acurada, o que o discurso sócio-político apontava. Acontece que a arte fala mais e diferentemente das intenções e pode abrir perspectivas críticas. A sensualidade da personagem Dona Flor, do romance *Dona flor e seus dois maridos*, interpretada no cinema por Sônia Braga, e a convivência aparentemente cordial que estabelece, não deixam de perturbar os espectadores do filme ou os leitores do romance de Jorge Amado.

Na ação dessa personagem, em seu jogo de corpo, no físico e no comportamento, há uma maneira de ser, uma “ginga” que ultrapassa parâmetros convencionais. Seria essa “ginga” de Dona Flor, um requiebro da mulher brasileira que teve suas origens nas culturas africanas, uma das marcas de simbólicas de nossa criouldade? Isto é, uma ginga mais ampla, que envolveria outros hábitos culturais?

Os laços comunitários, como se vê, abrem fronteiras de cooperação em múltiplos níveis. Até em sentido reverso – os abraços que sufocam, advindos do patrimonialismo, laços que se alargam da família patriarcal para o próprio estado. Essa é a óptica oriunda das janelas da casa-grande e que ainda persistem na sociedade brasileira. Não se trata efetivamente do “mundo que o

português criou”, mas de um mundo que foi construído comunitariamente por todos nós e quase sempre contra o poder coercitivo do estado. Foi um exercício dessa ginga para driblar a adversidade sensualmente expressa nos gestos de Dona Flor – expressão de sua alteridade feminina, entre dois maridos, duas posturas de gênero, duas culturas, duas maneiras de ser que se aproximam em função do sujeito, mas que também se opõem conflituosamente. A imagem dos dois maridos não se fundem numa única entidade, residindo aí a graça. Para Dona Flor, a evidência das diferenças, não lhe permite que os traços se misturem numa única imagem.

10. Foi a óptica da cordialidade que fez com que a historiografia oficial brasileira construísse uma memória nacional, onde acabaram por serem obscurecidos aspectos não desejáveis da prática de nossas oligarquias rurais, como a violência pela qual esses setores se impuseram aos demais ou mesmo em relação aos vizinhos, ou à oligarquia de outras regiões. Enquanto construção, a cordialidade, que motivaria o poder patriarcal, como ideologia da oligarquia rural do país, veio a minimizar ou mesmo descartar todo o fato histórico que pudesse não confluir para a unidade nacional. A historiografia brasileira do século XIX iniciou a construção, então, de uma grande narrativa, oficial e presente nos livros didáticos, totalmente coerente com os princípios ideológicos de afirmação do estado nacional brasileiro, primeiro no império e depois na república.

A cordialidade da “grande família” brasileira, deslocada posteriormente para os centros urbanos, está presente enquanto coexistência pacífica de opostos na obra de Jorge Amado, não lhe permitindo o destaque dos conflitos que apresenta. As diferenças entre suas personagens são quase sempre atenuadas pela perspectiva popular carnavalesca, que envolveria ricos e pobres, comutando papéis – homem/mulher, rico/pobre, etc. O direcionamento é oposto: se antes essa relação sentimental tinha como agente o patriarcado, na perspectiva carnavalesca são os setores

populares os agentes, contaminando simpaticamente a maneira de ser dos ricos. Nesse sentido, Jorge Amado é um escritor bastante diferente de Graciliano Ramos, que, ao contrário, procura enfatizar as contradições entre esses setores, relevando tensões. Um bom exemplo do escritor alagoano é o romance *São Bernardo*. A objetividade pretendida pela personagem narradora, o fazendeiro Paulo Honório, quando projetou escrever um livro não se realiza em razão da presença de um outro, a personagem Madalena, sua esposa, que preserva sua identidade, não se submetendo ao tipo de apropriação patrimonial de bens materiais e afetivos do marido. A partir do registro da entrada dessa personagem em sua vida já não consegue representá-la no romance que escreve, com exatidão e certezas. Madalena não constitui apenas uma presença aleatória, mas também é signo de um outro mundo – o mundo urbano e culto, que o narrador desconhece e, portanto, não pode dominar.

Pior, embora casados simbolicamente através de Paulo Honório e Madalena, a cidade e o campo não conseguem estabelecer um trânsito entre si. Há contradições nessa junção rural e urbano: se Paulo Honório pode ser entendido como um novo empresário, o empresário burguês que se afasta do modo de produção capitalista patriarcal, ele não deixa de manter a ideologia senhorial, não se adequando aos tempos modernos e a seus valores mais democráticos, que o levariam a aceitar os valores da mulher culta, intelectual e socialista, por opção política. Esse desencontro – a não consideração da diferença - é a tragédia pessoal de Paulo Honório, mas poderia ser vivida por outros atores do “capitalismo selvagem” brasileiro, em qualquer parte do país.

11. Em termos culturais – diríamos, como Edouard Glissant -, que o mundo se crioualiza. Isto é, torna-se cada vez mais mestiço, abrindo-se cada vez mais sem preconceito para a mistura, para a consideração das formulações híbridas. Se o estabelecimento de uma ordem hegemônica

pressupõe a administração dos bens materiais e simbólicos nas redes nas quais exerce seu domínio, é importante para ela atenuar ou eliminar as diferenças que causem alguma distonia no sistema. Melhor que eliminar, convém ao hegemônico cooptar e incorporar de forma produtiva essas tensões. Entretanto, na administração do novo império não se colocou ainda a necessidade de incorporação de diferenças produtivas, intercambiáveis, onde o agenciamento de opostos se faça com o horizonte na sociabilidade. Na lógica de curto fôlego do consumo imediato, interessa apenas o lucro.

12. O conceito de hibridismo, em termos dessas articulações do capitalismo planetário, favorece a disseminação das mais variadas possibilidades de consumo. Essa noção teórica dá base à produção, no caldeirão das formas da cultura, inclusive cultura material, a possibilidades abertas de criação de produtos e uma adequada criação de expectativas de consumo. Nesse sentido, a concepção interessa à “cultura do dinheiro”, que é supranacional, embora baseada na hegemonia e no território norte-americanos. A esse movimento de concentração onde a consideração da heterogeneidade, conforme argumentamos, pode servir de ideologia da globalização, sucede-se outro, de articulações comunitárias correlatamente supranacionais, onde a consideração do híbrido pode constituir uma forma de democratização e respeito das diferenças.

É ideológica, em nosso entendimento, a idéia de que os estados nacionais não são mais relevantes, constituindo essa consideração um horizonte teórico para o novo império do mercado possa circular livremente, sem deixar de se ancorar nos territórios hegemônicos. As articulações comunitárias que procuram fazer face ao que existe de mais predador no processo de globalização neoliberal podem minimizar forças políticas, econômicas, culturais e simbólicas desses territórios e também dos blocos políticos estabelecidos e seus organismos de controle. Hibridismo, ao contrário do que pensaria um liberal, não significa ausência de tensões entre

constituintes heterogêneos – um campo conveniente para a imposição da lei do mais forte, mascarado de competência tecnológica. Pressupõe, ao contrário, a possibilidade de se desenvolver práxis mais ativas, criativas e livres, sem preconceitos, já que todos não deixamos de ser híbridos ou mestiços.

Há evidentemente mestiços que seguem a perspectiva do que outrora se designava mulatismo: o mestiço que quer ser branco. Muitos híbridos não têm consciência da mescla. São híbridos que se imaginam “puros”. E, para respaldar essa perspectiva, podem reacender etnocentrismos de grandes nações. O híbrido, ao contrário, é marcadamente heterogêneo: um processo em contínua transformação, sem um ponto de chegada. Para a produção e administração na escala do comércio mundial, pode interessar às elites globalizadas a perspectiva do híbrido apresentada neste texto sobretudo através das personagens mestiças de Jorge Amado. O ideal edulcorado de democracia racial nivela por baixo diferenças sociais significativas, que não podem ser escamoteadas. Seria esse hibridismo uma formação ideológica afim do mulatismo? O conceito de hibridismo, não obstante, favorece o entendimento entre pessoas e povos desde que não se reduza a um pastiche sem história. É das formas misturadas, crioulas, diríamos, que é possível se promover uma coexistência contraditória, onde cada unidade considerada não se anule na outra; ou então se feche nas perspectivas da guetização ou dos fundamentalismos.

Com base nessa face solidária do hibridismo cultural, é possível historicizar sua matéria constitutiva. Não para copiar passados que não retornarão, mas para descortinar os sentidos dos gestos dos atores sociais observados, combinando-os criativamente, para dessa forma voltarmos a sonhar com projetos possíveis, que promovam uma efetiva democratização – da vida política, econômica e social, para o campo da cultura. Com os pés no Brasil, podemos então sonhar no âmbito da cultura com os enlaces comunitários que mantemos com o mundo ibero-afro-

americano. Um enlace que não seja apenas defensivo, para fazer face à americanização do mundo, isto é, à padronização unilateral que se impõe através das assimetrias das redes mundiais.